

## **PRODUÇÃO DE IMAGENS E LEITURA DE MUNDO: TRANSVENDO A REALIDADE COTIDIANA**

JULIANA MARIA DE SIQUEIRA (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE CAMPINAS),  
ANALICE GOMES DE LIMA DIAS (EMEI RECANTO DA ALEGRIA SME DE CAMPINAS),  
TÂNIA CRISTINA DA COSTA (EMEI RECANTO DA ALEGRIA).

### **Resumo**

Cotidianamente, a escola gera grande quantidade de dados, sejam registros escritos ou fotográficos. Nem sempre, porém, eles contemplam os aspectos mais significativos do cotidiano escolar, deixando escapar alguns dos elementos essenciais para a compreensão da dinâmica escola-comunidade. Normalmente feitos pelo corpo de educadores, consolidam um olhar técnico, unidirecional e monológico sobre o processo educativo. Sua comunicação raramente adota uma perspectiva histórica, perdendo-se o que foi construído ao longo do tempo. Assim, lamentavelmente, somente uma parte do que é registrado chega a público e, por vezes, numa linguagem inacessível para pais e alunos. Com o objetivo de alargar as possibilidades da produção e do uso da fotografia no ambiente escolar, o Museu da Imagem e do Som de Campinas (MIS, Programa Pedagogia da Imagem) e a EMEI Recanto da Alegria (Projeto Memória, Mídia e Educação Infantil) estabeleceram, em 2008, uma parceria, por meio da qual se propuseram a trabalhar a memória coletiva da escola, na sua interação com a comunidade. Os moradores dos bairros Jardim Nilópolis, São Quirino, Cafezinho, Novo Horizonte e Gênese (vizinhos à EMEI) foram convidados a participar de uma oficina de fotografia digital e construíram o roteiro dos passeios fotográficos que compunham a parte prática do curso. Mais de mil fotos foram produzidas, 700 delas incorporadas ao acervo do MIS, e 40 ampliadas em papel fotográfico, gerando uma exposição inaugurada na escola em novembro de 2008 e, no MIS, em março de 2009. A partir dessa experiência, os participantes da oficina desenvolveram um novo olhar para sua própria realidade cotidiana – mais atento e sensível, capaz de apontar a crítica social, tanto quanto de reencontrar a beleza e a poesia numa paisagem que expressa a condição de vida dos excluídos.

### **Palavras-chave:**

fotografia, educação, dialogia.

### **Convite a transver o mundo reaprendendo suas linguagens**

"O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo." A frase de Manoel de Barros inspira a temática do 17º COLE, como um apelo à apropriação da leitura e dos bens culturais, considerados direitos de cidadania. Inspirou-nos também a construir este artigo, relato de uma experiência vivida na EMEI Recanto da Alegria (Jardim Nilópolis, Campinas, SP), por meio de uma parceria entre o seu Projeto Memória, Mídia e Educação Infantil e o Programa Pedagogia da Imagem do Museu da Imagem e do Som (MIS), no ano de 2008.

Para nós, transver é enxergar além do óbvio, das circunstâncias dadas e dos limites concretos, para construir novas possibilidades de existir e conviver. É ser capaz de produzir a utopia, na busca de sentidos inéditos para dar forma ao vir-a-ser - pleno, humanizador e libertário. Exige de nós outro olhar, capaz de ler o pulsar da vida nas coisas cotidianas, e de traduzir, num gesto, palavra ou imagem, a percepção aguçada, denúncia do absurdo e anúncio do novo.

Nunca foi tão necessário transver. Os desafios colocados contemporaneamente à humanidade são múltiplos, complexos e urgentes. Como construir a justiça social, o desenvolvimento com sustentabilidade, o respeito aos direitos humanos - na infância, na velhice ou das "minorias", a educação de qualidade para todos, a promoção da saúde, a não-violência, a solidariedade, a conservação do meio ambiente, entre tantos itens que compõem a agenda política mundial - senão a dos governos, a alternativa, dos movimentos sociais? As velhas respostas não escondem suas limitações. Para transver o que aí está e encontrar saídas, é preciso redescobrir as múltiplas linguagens que dão forma ao real, reaprender que os sentidos do mundo, da vida, de mim e do outro não estão acabados, mas se fazem e refazem no diálogo permanente das nossas interações diárias, mediadas ou não pela tecnologia.

Conhecer e apropriar-se dessas linguagens é um direito do ser humano e implica alguns requisitos. O primeiro: ter acesso ao patrimônio cultural que codifica os saberes das gerações passadas, possibilitando aos cidadãos a descoberta e ampliação (crítica e sensível) de seus repertórios, para além da oferta da indústria cultural. O segundo é a disponibilidade de meios e maneiras de experimentar a própria criação, indo além do consumo e da fruição e identificando as linguagens por meio das quais cada um expressa sua identidade e visão de mundo, e se constitui produtor de cultura. Outra exigência é a formação de circuitos ou ecossistemas abertos, onde essa produção cultural múltipla e identitária encontre a alteridade. Dessa forma, fazendo-se visível, legitima-se. No diálogo com o diverso, reformula-se e torna-se híbrida, ponte para constituir o olhar (e o gesto) solidário. Finalmente, há que se atentar para a comunicabilidade dessa experiência, no tempo e no espaço - necessidade que se traduz na preservação da memória que realimenta o patrimônio cultural, gerando uma *cultura de acervo*.

Esses quatro pontos constituem as linhas de ação do programa educativo Pedagogia da Imagem, desenvolvido pela equipe do MIS desde 2003.[1] Seu objetivo é promover a apropriação crítica e dialógica das tecnologias e linguagens da comunicação pelo cidadão comum, incentivando a incorporação do audiovisual nas práticas culturais cotidianas. A metodologia aplicada inspira-se na pedagogia de Paulo Freire (marcada pela postura dialógica e pela abertura do educador à cultura e aos saberes dos aprendizes) e consolida-se na ação por projetos (entende-se que o aprendizado da informática ou do audiovisual não se faz na teoria ou no abstrato, mas em contexto, colaborativamente, por um grupo motivado para a consecução de um objetivo concreto). Dispensando fórmulas e modelos de ação, a Pedagogia da Imagem define-se pelos parâmetros para a geração e avaliação de projetos: a) *a dialogicidade do processo educativo* (que implica a *gestão participativa* das iniciativas, onde educadores e educandos tomam conjuntamente as decisões relevantes do percurso de aprendizado; e o *protagonismo social*, por meio do qual os sujeitos buscam ressignificar, interferir e transformar as próprias condições de vida) e b) *a criticidade dos produtos* gerados (que devem expressar *a ampliação das proficiências comunicativas* dos participantes e o exercício de uma *ética polifônica*[2]).

Dentre as atividades promovidas pela Pedagogia da Imagem, destacam-se oficinas de fotografia e vídeo digital, populares e para multiplicadores, e o programa de formação continuada destinado a docentes da rede pública. Foi por meio desse programa que ocorreu a aproximação entre o MIS e a EMEI Recanto da Alegria, em 2007. Naquele ano, a equipe que integrava o Projeto Memória, Mídia e Educação Infantil estava à busca de novos subsídios, nos campos da informática e da comunicação, para o trabalho de resgate e preservação da memória escolar,[3] e encontrou no MIS a interlocução e o apoio para a realização de suas propostas.

Indo um pouco além, em 2008, a Pedagogia da Imagem buscou trazer um novo olhar para a questão da memória escolar. Não se tratava apenas de registrar e organizar os acervos relativos às atividades pedagógicas ou institucionais, mas de perceber a EMEI como um ponto de referência para a expressão das identidades e para a produção coletiva da memória da comunidade na qual se insere. Colaborativamente, tecemos a noção de que o *entorno* da escola é, na realidade, seu *interno*, corpo vivo e pulsante. Com isso, queríamos aproximar educadoras e comunidade e estimular a constituição da escola como um ecossistema aberto à sua participação, manifestação e fruição cultural. O elemento catalisador dessa transformação seria a linguagem audiovisual, especificamente, a fotografia.

Assim nasceu a idéia de trabalhar a memória coletiva da escola, na sua interação com a comunidade da qual faz parte, por meio da produção, organização, preservação e comunicação de registros audiovisuais. A proposta adquiriu concretude através da realização de oficinas de fotografia digital para as educadoras e para os moradores dos bairros contíguos à EMEI, resultando em uma exposição fotográfica itinerante, denominada "Recantos". O significado dessa ação, para os que dela participaram, porém, foi muito além do que se poderia imaginar. Assim, passamos a recontar nossa trajetória de aprendizado.

### **Negociando os sentidos do Projeto Memória**

A partir da incorporação da Pedagogia da Imagem, a equipe do Projeto Memória adotou como objetivo explorar o potencial educativo do trabalho com a memória coletiva produzida pela comunidade escolar para:

- a) documentar e comunicar o trabalho pedagógico, com vistas a realizar a avaliação dos processos educativos, da produção docente e discente;
- b) compartilhar metodologias, técnicas e tecnologias de produção, organização e preservação de documentos audiovisuais;
- c) favorecer a apropriação de diferentes linguagens necessárias à produção de narrativas mnemônicas, com destaque para o audiovisual;
- d) explorar o sentido de Patrimônio, valorizando e ressignificando as práticas culturais da comunidade e propiciando oportunidades de fruição e expressão cultural;
- e) alimentar, junto à comunidade escolar, a reflexão sobre suas identidades presentes e as perspectivas futuras;
- f) fortalecer a relação escola-comunidade.

### **Da visão à ação**

Para fundamentar nossas ações, recorreremos à Pedagogia de Paulo Freire, aos estudos culturais latino-americanos e às reflexões sobre o patrimônio cultural e a educação patrimonial desenvolvidas a partir da Nova Museologia e do trabalho da Unesco (via Conselho Internacional de Museus, Comitê para Educação e Ação

Cultural e Comitê para o Audiovisual e as Novas Tecnologias da Imagem e do Som).

O projeto encontrou sua razão de ser a partir do confronto entre nossa visão a respeito do tratamento comumente dado à produção e conservação dos acervos fotográficos e audiovisuais das escolas, o entendimento das possibilidades abertas pelas novas tecnologias e o nosso compromisso ético com a transformação do ambiente escolar em um ecossistema[4] mais participativo e horizontal, permeado e conectado pela cultura.

Cotidianamente, a escola gera grande quantidade de dados, registros escritos ou fotográficos. Nem sempre eles contemplam os aspectos mais significativos da vida escolar, deixando escapar elementos essenciais para a compreensão da dinâmica escola-comunidade. Normalmente feitos pelos educadores, consolidam um olhar unidirecional e monológico sobre o processo educativo. Além disso, a falta de tempo e formação para a adequada catalogação e tratamento desses dados faz com que o seu potencial para alimentar os processos avaliativos da escola seja subestimado. Raramente adota-se uma perspectiva histórica na sua comunicação e, ao mostrar apenas o que acabou de ser produzido, nos esquecemos do que foi construído ao longo do tempo. Assim, somente parte do que é registrado chega a público e, por vezes, numa linguagem técnica, de difícil compreensão.

Mas, os acervos audiovisuais não podem ser negligenciados. A longo prazo, eles contribuem para a tessitura de uma história da Educação na cidade e, mais especificamente, da Educação Infantil. A médio prazo, realimentam o processo de produção de identidade pela comunidade escolar e, de imediato, fundamentam e enriquecem os processos de avaliação e produção do conhecimento na/sobre a unidade educativa. Além disso, não se trata apenas de produzir novos registros, mas de organizá-los e torná-los acessíveis e comunicáveis.

Sem desconsiderar as especificidades do trabalho arquivístico ou o papel do profissional da ciência da informação, acreditamos ser possível que museus e arquivos compartilhem, numa linguagem popular, saberes especializados da organização e conservação de acervos. A tecnologia digital torna acessível às instituições educativas e populares a formação, organização, catalogação básica, conservação e comunicação de registros fotográficos e audiovisuais que encerram sua memória. Com orientação adequada, câmeras digitais e um computador de mesa, é possível desenvolver um arquivo simplificado, capaz de atender às necessidades da escola e da comunidade.

Há alguns anos, o Recanto da Alegria vem investindo nesse processo. O primeiro passo foi a aquisição de uma câmera fotográfica digital. Em 2007, a equipe havia produzido fotografias e vídeos institucionais, muito bem recebidos pela comunidade. Sensibilizado, o conselho escolar apoiou a iniciativa e autorizou a compra de computador para uso no projeto. Em 2008, era o momento de avançar na organização e comunicação dos acervos audiovisuais, de fazer valer os investimentos realizados e de oferecer o retorno à comunidade pelos esforços já empreendidos, trazendo benefícios diretos para as crianças e suas famílias.

### **Do gesto ao novo olhar**

Assim lançamos, junto à comunidade, o convite para a oficina popular de fotografia digital, a ser realizada às quintas-feiras, das 14:00h às 16:00h, durante três meses, para interessados a partir de 12 anos, que dispusessem de câmera digital

ou celular com câmera. O programa incluía: explorar os recursos da câmera, conhecer e empregar os elementos da linguagem fotográfica, salvar e organizar arquivos fotográficos no computador. A parte prática consistia de passeios fotográficos pelos bairros, culminando na montagem de uma exposição com as melhores fotos. A divulgação contou com cartazes dispostos em pontos estratégicos da vizinhança, como escolas, igrejas, templos, supermercados e bazares, além de convites no caderno de recados das crianças. Desde o início, notamos que havia um grande interesse por esse tipo de atividade.

Inscreveram-se 22 pessoas, moradoras do bairro, parentes de alunos e educadores. Alguns possuíam noções de fotografia; outros fotografavam intuitivamente; dois participantes vieram com um conhecimento mais avançado. Praticamente todos trouxeram máquinas fotográficas digitais; uma pessoa utilizou celular e outra utilizou um equipamento cedido pela equipe. Durante as apresentações, os participantes falaram de suas expectativas, dos locais onde moravam e sua relação com a escola. A proposta do curso foi lançada de modo a incorporar os participantes e, assim, as decisões eram tomadas em conjunto. Conversamos sobre os pontos do bairro que o grupo considerava mais significativos e elaboramos um roteiro e cronograma de passeios, seguidos com flexibilidade, em decorrência das contingências que foram surgindo. No início, havia insegurança sobre o uso do equipamento e muitas perguntas foram feitas. As dúvidas foram sendo sanadas nos encontros de orientação, mas, principalmente, com a prática, onde fotos e fotos foram sendo tiradas. Começamos a fotografar pelo ambiente onde o curso era ministrado, utilizando os recursos aprendidos. As lentes foram sendo apontadas para os corredores, outras salas, refeitório, parque, pela entrada da escola e seus arredores, num primeiro passeio.

Antes das saídas, fazíamos sempre uma recapitulação das dicas e orientações técnicas. Não direcionávamos o que fotografar. Explorávamos o lugar; tendo em mente as orientações. Interagíamos sobre o que víamos: "vou fotografar aquela casa, me chamou atenção"; "tem uma árvore divina aqui, olha o tronco, que desenho"; "acho que ficou bom, vejam aqui"... Fechando os olhos, nesse momento, as imagens que ficaram impressas na memória ganham movimento e parece que voltamos a ouvir as vozes de cada um: "aqui é a viela da sogra"; "porque chama assim?" E vinham histórias inusitadas e engraçadas...

E, assim, os passeios foram animados! Conversávamos antes, durante e depois. As técnicas eram testadas na prática, como foram os olhares para os caminhos, os lugares, os detalhes, as entrelinhas: aquilo que está à mostra todos os dias, mas que os olhos não vêem. A troca de informações - o que já conhecíamos, o que queríamos saber, as pequenas histórias que remontam alguns lugares, o que antes não era e agora é, o dinamismo das transformações das paisagens e gentes - um exercício de estar aberto e disponível para um olhar sensível e diferenciado do apressado olhar do dia-a-dia.

Ficou a técnica a serviço da memória. O que antes se configurava como preocupação em apertar botões, foi sendo transmudado. A chave da busca pela criatividade e das percepções de cada um foi acionada, e a máquina se tornou meio, não mais um fim. O dominado se tornou dominador, senhor da história, com a máquina a seu serviço; um recurso aliado.

Com o tempo, o grupo se reduziu, mas os que ficaram firmaram uma grata amizade, aproximados pelas trocas de experiências, conversas sobre a vida, o cotidiano de cada um. Exemplo disso foi o passeio realizado no bosque Chico Mendes, onde alguns levaram biscoitos, chocolates, refrigerante e, em meio a tantos clics, uma parada para confraternização, brindando com copos descartáveis

uma amizade que não tem descarte. Mais clics e, adiante, no parquinho, tudo virou brincadeira de gente grande!

Os passeios estreitaram laços, fizeram emergir pequenos tesouros, pessoas em forma de pérolas, que saíram de suas conchas e se mostraram com seus sorrisos, olhares, abraços, pequenas confidências. O ânimo do grupo, mesmo quando o sol ardia e fazia peso nos ombros, ou com a chuva rondando e escurecendo as paisagens, revelado no clicar das fotos. Tudo conspirou para as escolhas de cada um, resultando numa exposição surpreendente sob vários pontos de vista - de superação nas dificuldades; de êxtase diante da beleza; comovente, pelos olhares da comunidade e pela própria identificação das pessoas.

Para se chegar aí, foram precisos outros passos, que pararam diante de mais de mil fotos produzidas, para realizar um garimpo: passar pelo crivo do olhar pessoal as próprias produções, elencando suas melhores fotos e nomeando, cada uma delas, como a um filho que nasce e requer identidade.

O local escolhido para acolher a exposição foi o refeitório da EMEI, espaço amplo que dá acesso às salas de aula, ao parque, à cozinha, passagem obrigatória. Colocamos as fotos cuidadosamente em painéis suspensos por fios de nylon e, ao final, o resultado de nossas inspirações, depois de muita transpiração, estava feito. A abertura foi marcada para as 16 horas do dia 14 de novembro de 2008, horário da saída das crianças. Os convites foram enviados por e-mail, pelo caderno de recados e em cartazes afixados nos mesmos locais da divulgação do curso. Os participantes que tiveram a oportunidade de concluir o curso estavam lá para receber seus certificados e mostrar sua produção.

As fotografias expunham as ideias, recantos vasculhados pelas lentes e pelos olhares por trás delas. Nas legendas, os nomes de cada um. O encanto dos resultados, o encantamento de quem fotografou e os cantos dos lugares nos olhares de quem ali caminha, vive sua vida e se reconhece no que vê. A fotografia destaca, parece dizer: olhe, pense, sinta o que vê, reconheça. Ela revela e desvela os recantos sem véus, desnudos, mas ao mesmo tempo vestidos de uma aura, pura magia. E, assim, os dias seguiram-se com os olhares ávidos e tagarelas das crianças, que viam tudo com sorrisos, com as mãos, com perguntas, com exclamações!

Fica, então, a pergunta: como toda essa experiência mudou o ambiente da escola? Rememorando: a discussão e aprovação de um curso dentro da EMEI, com a participação da comunidade, demandou reflexões e posicionamento das profissionais, o que consideramos um avanço. Também fora oferecido, no primeiro semestre do ano, um curso de fotografia digital a professoras e funcionárias, desencadeando um movimento crescente de registros fotográficos, onde educadoras que não tinham o hábito ou a compreensão da relevância desse recurso para sua prática pedagógica passaram a incorporá-lo, logo o ampliando para a produção de clipes em DVD, utilizados em sala de aula, reuniões com os pais e exposições de fotos nos corredores, contando o dia-a-dia e seus fazeres. Foram grandes mudanças de hábitos e modos de pensar a educação.

Nesse encaixo, o objetivo de aproximar escola e comunidade foi realmente cumprido? Sem dúvida, acreditamos que houve uma importante iniciativa, mas que não se esgota aí. Se nossa pretensão é unir e integrar, a continuidade do trabalho se faz necessária. Sem um começo, no entanto, não há meio nem fim e, por essa razão, a partir de tudo que foi realizado e vivido é que se podem planejar novas ações. E o Projeto Memória continua.

A contribuição dessa experiência para as educadoras foi imensurável, tendo em vista que na formação de um profissional da Educação é necessária multiplicidade: de técnicas, ideias, experiências, contatos, indagações, debates, cursos... Precisamos ter abertura para conhecer e fazer escolhas.

A oficina trouxe uma contribuição singular: aliado à técnica, para além dela, um jeito novo de olhar, não apenas o fazer pedagógico, mas a escola, a comunidade e as relações existentes, ou, antes, a consciência da falta de relações mais estreitas. Isso causa desconforto: trabalhar tantos anos num local e se dar conta de que não conhece ou, ao menos, que esse conhecimento ainda não atingiu a profundidade necessária para criação de vínculos importantes.

Estar com moradores próximos à escola, muitos deles com vínculos na EMEI, conversando, passeando pelo bairro, passando por suas casas, fez e tem feito a diferença. O olhar ficou diferenciado, como quando não enxergamos de forma nítida com o uso de um óculos e, trocando as lentes, vem a nitidez. E é com essas novas lentes que também um novo trabalho, mais integrado, pode acontecer. O momento é de buscar caminhos. Podemos não saber, ainda, o caminho certo, mas o certo é que há caminho.

### **O novo olhar é também um novo gesto**

Olho e mão, visão e movimento. Por esses termos, Merleau-Ponty desvenda-nos os mistérios da transubstanciação do mundo nas obras de arte. A chave desse enigma está no fenômeno da percepção. Aberto à vida exterior, sede dos sentidos e dos significados, o corpo é o meio e o *locus* da comunicação entre o universo e o eu. Entrelaçado de visão e movimento, o corpo acolhe o que o olho capta do mundo, *lençol de sentido bruto*, e o restitui ao exterior, em forma de gesto. Existe um equivalente interno que a visão das coisas desperta no sujeito e que, ao ser expresso, é reencontrado por todos os outros sujeitos, como o motivo que sustenta sua inspeção do universo. Do amadurecimento do olhar surge o movimento. O corpo, que se vê ao ver as coisas, move-se para manipulá-las, mantém-nas em torno de si, como anexo ou prolongamento, e altera a conformação do mundo.

Durante a inauguração da exposição Recantos, no MIS, o jovem Denis Martins, participante da oficina, ofereceu um depoimento significativo a respeito de como a experiência vivida transformou seu olhar. A partir dele, podemos compreender como operam as relações produção de imagens e leitura de mundo - e como a construção de um novo olhar (capaz de transver a realidade cotidiana) torna-se, também, a produção de um novo gesto (social, político, humanizador):

Acho que o que ficou de interessante, de legal, nisso tudo, foi a memória do lugar onde eu nasci, do lugar onde eu cresci, o lugar onde eu aprendi a sonhar, aprendi a viver a minha vida, a memória que esse local me traz. Saber que em cada canto você pode enxergar não só uma rua, mas a história que existe por trás dessa rua, a sensibilidade, a emoção que existe por trás dessa rua. Então passou a ser um mundo mágico onde eu vivo, **não mais aquele mundo cru onde eu simplesmente vivo**, mas uma coisa mais profunda, mais significativa. [grifo nosso]

A ação cultural educativa, ao favorecer a apreensão de uma linguagem artística, permite que os sujeitos não apenas se expressem com maior proficiência, como também percebam que sua relação com o mundo vai além da presença em um cenário dos acontecimentos cotidianos, consistindo na sua intervenção estética e

construção histórica, na qual se manifestam conjuntamente as dimensões críticas e sensíveis de sua consciência.

## **Bibliografia**

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, A. M. de. **Educando o olhar**: notas sobre o tratamento das imagens como fundamento na formação do pedagogo. Universidade Federal Fluminense. Mimeo.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRITO, F. **Linguagens audiovisuais e educação**: cultura de acervo. Disponível em: . Acessado em 14 de julho de 2009.

CITELLI, A. **Comunicação e educação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1969.

**RESGATE**: revista de cultura. Campinas: Área de Publicações CMU/ Unicamp, nº 13, 2004. nº 14, 2005.

SIQUEIRA, J. M. de. **Quem educará os educadores?** A educomunicação e a formação de docentes em serviço. 2009. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, I. de O. Metodologias da Educação para a Comunicação e gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (org) **Gestão de processos comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

TEZZA, C. A polifonia como uma categoria ética. **X Congresso Internacional sobre Mikhail Bakhtin**. Gdanski, Polônia, julho de 2001.

---

[1] Fazem parte da equipe da Pedagogia da Imagem o historiador Orestes Toledo e os agentes culturais Ronaldo Simões Gomes (vinculado à Coordenadoria de Ação Cultural) e Juliana Siqueira. Em 2009, o programa recebeu do Ministério da Cultura a menção honrosa do Prêmio Darcy Ribeiro.

[2] O termo *ética polifônica* refere-se à postura dos sujeitos diante dos discursos que proferem. Revelando a sua natureza (construído pela linguagem, parcial e ideologicamente marcado por um ponto de vista socialmente constituído), o discurso polifônico assume a existência de diferentes mundivisões, explicitando-as, sem pretender uniformizá-las, eleger a "mais adequada" ou produzir um fechamento estético que dê "a palavra final" sobre determinado assunto.

[3] O Projeto Memória existe na EMEI desde 1993. Por ele, passaram várias profissionais, realizando diferentes objetivos ao longo dos anos. Em 2008, faziam parte da equipe as professoras Analice Dias e Tânia Costa, que haviam frequentado o curso Pedagogia da Imagem no ano anterior.

[4] A noção de que os ambientes educativos constituem *ecossistemas comunicativos* e devem ser abertos e participativos é desenvolvida no campo da Educomunicação por Ismar de Oliveira Soares. O termo designa "a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional". (SOARES, 2002: 125).